

TRAUMA E PÓS-MEMÓRIA NO ASSASSINATO DO IRMÃO DE NELSON RODRIGUES: “TODA BOA HISTÓRIA COMEÇA COM UM ADULTÉRIO”

TRAUMA AND POST-MEMORY IN THE MURDER OF NELSON RODRIGUES’
BROTHER: “EVERY GOOD STORY BEGINS WITH AN ADULTERY”

TRAUMA Y POSMEMORIA EM EL ASESINATO DEL HERMANO DE NELSON
RODRIGUES: “TODA BUENA HISTORIA COMIENZA CON UN ADULTERIO”

Sergio Schargel¹

*“O suicídio está na família
as pessoas ricas se suicidam mais que as pobres”
(Bernhard, 2020, p. 60).*

RESUMO: No dia 26 de dezembro de 1929, Sylvia Serafim, jornalista e escritora, assassinou Roberto Rodrigues, irmão de Nelson Rodrigues, motivada por uma capa de jornal que sugeria seu suposto adultério. Este estudo tem como objetivo geral revisitar o episódio a partir de uma perspectiva que articula trauma, memória e pós-memória, buscando compreender como disputas narrativas e afetos mobilizados em torno do crime contribuíram para a consolidação de uma versão hegemônica que reduziu Sylvia Serafim à condição exclusiva de assassina, promovendo o apagamento de sua trajetória intelectual. Para isso, lança mão de conceitos como pós-memória, conforme definido por Marianne Hirsch, visando compreender as permanências do trauma, e evidenciar como a morte de Roberto Rodrigues permanece atual e relevante em diversas frentes. Utilizando reconstrução por diversas fontes, primárias e secundárias, como depoimentos, narrativas de Nelson e a cobertura dos jornais da época, foi possível evidenciar contradições na versão canonizada e mostrar que os afetos mobilizados a condicionaram. Por fim, o artigo também sugere a necessidade de um resgate de Sylvia Serafim como intelectual, relegada à sua função de assassina e imortalizada como nota de rodapé na vida de Nelson Rodrigues.

Palavras-chave: Sylvia Serafim; Nelson Rodrigues; Roberto Rodrigues; pós-memória; imprensa marrom.

¹ Doutor em Comunicação pela UERJ. Doutor em Ciência Política pela UFF. e Sá. Foi Professor Substituto da Universidade Federal de São João del Rei em Letras-Inglês em 2023 e 2024. Venceu o Prêmio Abralic de melhor dissertação do biênio 2020-2021.

ABSTRACT: On December 26, 1929, Sylvia Serafim, a journalist and writer, murdered Roberto Rodrigues, brother of Nelson Rodrigues, motivated by a newspaper headline suggesting her adultery. This study aims to revisit the episode from a perspective that articulates trauma, memory, and postmemory, seeking to understand how narrative disputes and the affects mobilized around the crime contributed to the consolidation of a hegemonic version that reduced Sylvia Serafim to the exclusive condition of a murderer, thereby erasing her intellectual trajectory. To this end, the article draws on concepts such as postmemory, as defined by Marianne Hirsch, in order to examine the persistence of trauma and to demonstrate how the death of Roberto Rodrigues remains current and relevant on multiple fronts. Through a reconstruction based on multiple primary and secondary sources—such as testimonies, Nelson Rodrigues's narratives, and contemporary newspaper coverage—it was possible to identify contradictions in the canonized version of the case and to show how mobilized affects conditioned it. Finally, the article argues for the need to reclaim Sylvia Serafim as an intellectual figure, historically relegated to her role as a murderer and immortalized merely as a footnote in the life of Nelson Rodrigues

Keywords: Sylvia Serafim; Nelson Rodrigues; Roberto Rodrigues; postmemory; yellow press.

1 Introdução

O assassinato de Roberto Rodrigues, ocorrido em 26 de dezembro de 1929, é um episódio emblemático da história da imprensa e da cultura literária brasileira, não apenas por suas circunstâncias trágicas, mas pelos efeitos simbólicos e por sua permanência. O crime, cometido por Sylvia Serafim — jornalista, escritora e colaboradora ativa da imprensa da época —, foi rapidamente absorvido por disputas narrativas que extrapolaram o acontecimento em si, cristalizando versões canônicas e promovendo o apagamento de aspectos fundamentais de sua trajetória intelectual, como se discutirá a seguir.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo geral revisitar o assassinato de Roberto Rodrigues a partir de uma perspectiva que articula trauma e pós-memória, buscando compreender como os afetos mobilizados em torno do episódio contribuíram para a consolidação de uma narrativa hegemônica que reduz Sylvia Serafim à condição exclusiva de assassina. Como objetivos específicos, pretende-se: (i) analisar as contradições presentes nas fontes jornalísticas e memorialísticas sobre o caso; (ii) examinar o papel da imprensa sensacionalista na construção da versão canonizada do crime; e (iii) discutir os efeitos de transmissão intergeracional do trauma entre as famílias envolvidas.

Do ponto de vista metodológico, o estudo adota uma abordagem arquivística, baseada na análise de matérias de jornais, depoimentos, obras e entrevistas com pesquisadores e descendentes dos envolvidos. O referencial teórico mobiliza, sobretudo, o conceito de pós-memória, conforme formulado por Marianne Hirsch, em diálogo com contribuições da história cultural da imprensa e dos estudos sobre trauma.

Em sua reportagem sobre Maria Firmina dos Reis, primeira romancista brasileira, na *Revista 451*, Yasmin Santos (2022) usa uma metáfora apropriada para o resgate de sua figura: um quebra-cabeça. Ainda que, por certo, essa montagem seja muito mais intensa no caso da escritora maranhense — considerando que não há sequer uma imagem dela —, não é absurdo empregar a mesma ideia para tratar de Serafim. A relação entre História e memória é intrínseca

ao caso da escritora-assassina, e este trabalho obedeceu a uma lógica de montagem. Peça por peça, pouco a pouco, foi sendo construída uma imagem mais completa sobre a figura, expandindo o jogo.

Além desta introdução, o artigo organiza-se em duas partes principais. Na primeira, realiza-se uma reconstrução crítica do assassinato de Roberto Rodrigues, examinando suas diferentes versões narrativas e os interesses que as atravessam. Na segunda, discute-se o conceito de pós-memória como chave interpretativa para compreender as permanências do trauma e seus desdobramentos simbólicos, tanto no âmbito familiar quanto no imaginário cultural brasileiro.

2 Introdução a um assassinato

Em uma palestra no dia 31 de janeiro de 2023, no lançamento do livro *O corpo desvelado*, de Eliane Robert Moraes, o escritor Alberto Mussa comentou: “toda boa história começa com um adultério”, ao que a autora retrucou: “o adultério está na base da civilização”. Indo na mesma verve dos escritores, nossa história também começa com um adultério — ou, ao menos, com um suposto adultério.

Sylvia Serafim, 27 anos. Filha de Augusto Serafim, médico e auxiliar técnico do sanitarista Oswaldo Cruz. Membro da Academia Fluminense de Letras, em 26 de dezembro de 1929 ela entra na redação de *Crítica* à procura de Mário Rodrigues, o dono do jornal. Entra em um gabinete com Roberto, o filho de Mário, e acaba por assassiná-lo. A motivação? Uma matéria de capa que *Crítica* havia veiculado no mesmo dia, sugerindo seu suposto adultério. Publicada a matéria, Serafim, de posse de um revólver Colt de pequeno calibre, adquirido na loja Espingarda Mineira, retornou ao jornal, que ficava na Rua do Carmo, 35, na região central do Rio de Janeiro.

Figura 1 - Oswaldo Aranha dando posse a Belizário Pena. O senhor calvo, baixo e com óculos, é Augusto Serafim.



Fonte: arquivo pessoal, disponibilizado pelo colega pesquisador Alexandre Ocrávio.

Serafim, inclusive, havia estado na redação na noite anterior, Natal, por volta das vinte e duas horas (Diário Carioca, n. 439, 27 dez. 1929). Indagada por telefone sobre seu desquite, achou que seria mais prudente comparecer para poder esclarecer que os acontecimentos eram de ordem privada, sendo acompanhada de um jornalista. Supostamente, teria conversado com o próprio Roberto, conforme aparece em fontes como Ruy Castro (1992, p. 84), *O Jornal* (n. 3408, 27 dez. 1929) e no *Diário Carioca* (n. 439, 27 dez. 1929). Mesmo assim, no dia seguinte *Crítica* estampou na primeira página, com ilustração de Roberto:

Entra hoje em juízo nesta capital um rumoroso pedido de desquite. [...] Há uma grande ansiedade pública em conhecer os motivos da separação do casal Doutor Thibau Júnior. [...] Será o conhecido radiologista Dr. João de Abreu o causador directo da dissolução do lar daquelle seu illustre collega? [...] Mme. Sylvia Thibau, que subscrive as suas chronicas em jornaes e revistas com o pseudonymo de Petite Source esteve em nossa redacção (*Crítica*, 26 dez. 1929).

Figura 2 - *Crítica* de 26 de dezembro de 1929 e o suposto adultério de Sylvia Serafim Thibau.



Fonte: *Crítica* (26 dez. 1929).

Sylvia havia feito um processo depilatório de raios X com Abreu, espécie de predecessor da depilação a *laser*, que deu errado e acabou por queimar suas pernas. As ataduras foram suficientes para que *Crítica* desenvolvesse a história do suposto adultério. Uma hipótese é que, na verdade, o processo fosse para tratar de varizes, embora tenha entrado para a História que elas se desenvolveram após o assassinato.

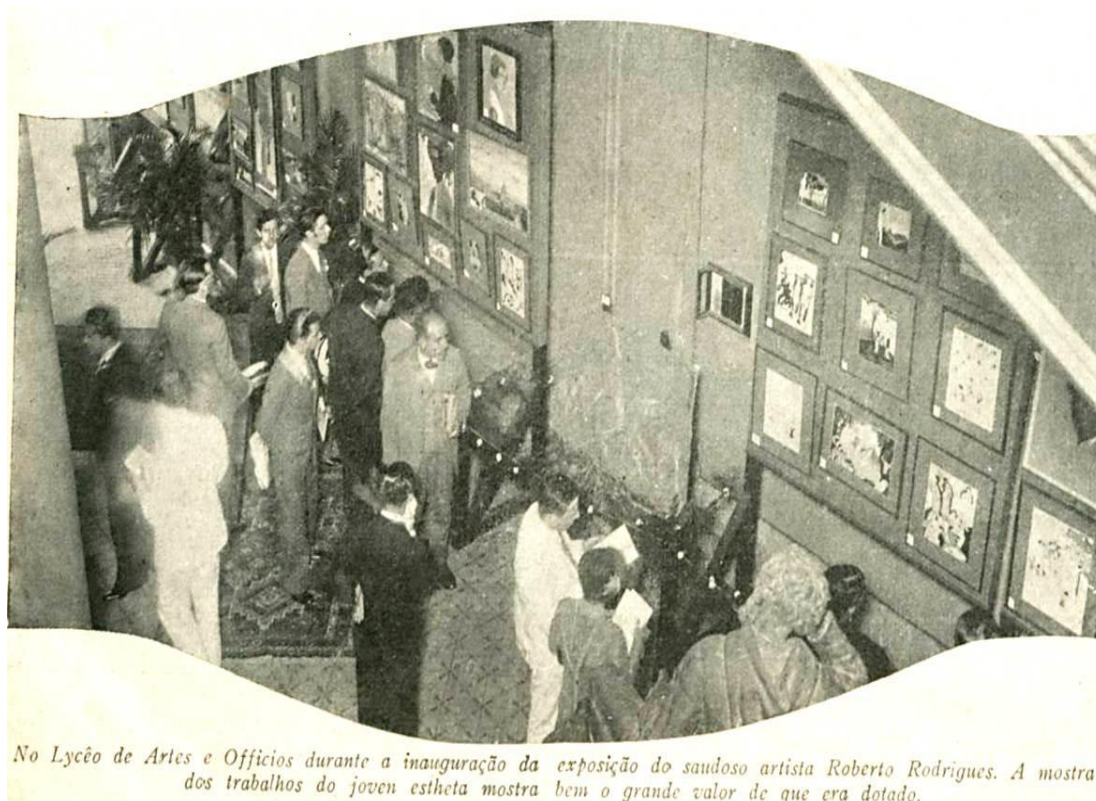
Adultério que, não sendo além de suposição, foi tratado como factual não somente pelo jornal e, posteriormente, por Nelson, mas permanece como tal mesmo em trabalhos acadêmicos contemporâneos. Em *O Modernismo do amor e da morte de Roberto Rodrigues*, por exemplo, de Cláudio Roberto Lima Guimarães, publicado em 2016 na *Revista Gama*, o autor corrobora versões de Castro ao apontar que a matéria de capa apenas teria sido publicada por ausência de pauta melhor. Também afirma que a edição já estava “fechada e pronta para impressão” (Guimarães, 2016, p. 03), mesmo com a suposta promessa de Roberto de que a publicação seria suspensa.

Na verdade, o motivo alegado de seu desquite, homologado em 19 de dezembro de 1929, foi incompatibilidade de gênios. Neto de Serafim por descendência do casamento com Ernesto Thibau, Ricardo Thibau, já um senhor de mais de 70 anos, presenteou este trabalho com alguns dados, depoimentos e insumos. Por exemplo, de acordo com ele, seu avô não apenas era “austero”, mas extremamente metódico. Ernesto não queria que ela fosse jornalista ou se envolvesse com literatura, o que não via como um espaço feminino. Ao que parece, levava uma vida roteirizada. Almoçava sempre às 12h, jantava às 18h. Para Ricardo, “eles não combinavam. Ela era uma mulher querendo descobrir o mundo, e ele era todo engessado. Ele tinha horário específico até para fazer sexo”.

Um ponto curioso, ainda que secundário, sobre as narrativas sobre Sylvia: se a própria grafia de seu nome é mutante, variando entre Sylvia, Sílvia, Seraphim e Serafim, pior ocorre com seu ex-marido. Em alguns trabalhos, o nome dele aparece como João Thibau, como é o caso de *O anjo pornográfico*. Em outros, como no verbete do Cpdoc sobre Mauro Thibau, seu filho, aparece como Ernesto Thibau. No livro de Mauro, *A trajetória de um ministro*, é referido por seu filho como Ernesto Zeferino da Costa Thibau Júnior, nome que, inclusive, está no centro de saúde batizado em sua homenagem no bairro carioca de São Cristóvão, em frente ao Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. Ernesto também é o nome confirmado por Ricardo Thibau, que afirma não saber de onde surgiu o “João”. De toda forma, Ernesto/João era médico – o que foi explorado na matéria da *Crítica*, sugerindo, para além do adultério, uma traição profissional – e professor da Faculdade de Medicina, além de diretor da Saúde Pública no Rio de Janeiro.

Para Marialva Barbosa (2023), o suposto adultério de Serafim não foi matéria de capa sem motivo, como diz Ruy Castro (1992), mas uma tentativa de atingir o magnata da imprensa Assis Chateaubriand, dono de *O Jornal*, um rival direto de *Crítica*. Serafim era colaboradora de seu jornal, com um suplemento feminino chamado *Para a mulher no lar*. Os dois jornais, como diz, “viviam às turras” (Barbosa, 2023). De fato, parece deslocado um jornal de grande porte trazer uma capa sobre uma possível traição conjugal no dia seguinte ao Natal; é estranho pensar que, em 1929, não havia nada mais relevante ocorrendo no Rio, no Brasil ou no mundo. Ainda mais mobilizando o principal ilustrador, Roberto. Vale lembrar, como ressalta Ruy Castro (1992, p. 93), que fora Milton, o mais velho, o único Rodrigues a conhecê-la antes do incidente, em algum dos saraus de que participava e/ou promovia.

Figura 3 - Exposição de Roberto Rodrigues após o assassinato



Fonte: arquivo pessoal, disponibilizado pelo pesquisador Alexandre Octávio

Sylvia foi absolvida por perda momentânea de sentidos. Corroborou para o argumento da defesa o fato de Sylvia ter disparado apenas uma vez, para baixo (e não ser uma mulher alta), de modo súbito e após um tempo de conversa, mesmo a pistola contendo outras balas (Diário Carioca, n. 439, 27 dez. 1929, p. 03). Por outro lado, os jornais do dia seguinte, como o *Diário Carioca* e *O Jornal*, também sugerem que Serafim manteve a calma após o crime, tendo consciência de sua ação e não demonstrando arrependimento. Já na delegacia, diante de uma aglomeração de jornalistas interessados na história e de mulheres que a apoiavam, narrou sua versão enquanto sentada em uma cadeira de balanço. Segue o seu relato do acontecido, conforme aparece no veículo:

— “Fui à redacção da “Crítica” para falar pessoalmente com o seu director. À porta, attendeu-me um contínuo, informando-me que o sr. Mario Rodrigues não se encontrava na casa.

Eu desejava a rectificação de certos commentarios que aquelle matutino publicara hoje, em relação à minha pessoa, e perguntei também pelo sr. Mário Rodrigues Filho.

— Também ainda não veiu.

— Nisto appareceu-me um filho do sr. Mário Rodrigues, o sr. Roberto Rodrigues, com quem hontem, à noite, falei, pedindo a não publicação das notas referidas. Elle me promettera não as publicar e, como a promessa não fosse cumprida, também me interessava interpellal-o.

Assim o fiz.

O meu interpellado respondeu-me de maneira desdenhosa, dizendo que o que estava feito não podia mais ser desmanchado.

— Neste caso, tornei, o senhor não só não tem palavra, como...

— Eu não posso perder tempo com rameiras...

Quiz revidar a offensa e senti que as palavras não me acudiam à memória.

Nem sei como, abrindo a bolsa, saquei de um revólver e alvejei aquelle moço que me insultara tão impiedosamente.

Elle caiu e eu senti, então, que alguém me segurava pelas costas.

— Mas por que, indagámos, a sra. foi armada de revólver à redacção da "Crítica"?

— É que eu temia qualquer agressão e não quiz ir desprevenida.

— Não tive, aliás, quando atirei, a intenção de matar o filho do sr. Mário Rodrigues e sim de cobrar-me de pesado insulto" (*Diário Carioca*, n. 439, 27 dez. 1929, p. 03).

Nos primeiros depoimentos após o atentado, já aparecem os mesmos argumentos que Serafim apresentaria posteriormente na defesa: descontrole pela ofensa, o uso da palavra "rameira", a ausência de intenção assassina, a arma como autodefesa, Roberto tê-la recebido na noite anterior. Ao contrário de *Crítica* e de Nelson, que se contradizem em suas versões, a jornalista manteve intacta a sua narrativa.

Isso não impede a escritora de beirar o dramático em seu depoimento para *O Jornal*. Nele, repetiu a história de ter conversado com Roberto, mas foi além ao contar que "Esse cavalheiro, depois de muita relutância, prometeu-me, sob palavra de honra, que nada daria. Sahi dali convencida de que seria atendido esse meu pedido. Não dormi um minuto, chorando, nervosa, abraçada aos meus dois filhinhos" (*O Jornal*, n. 3408, 27 dez. 1929). Também reforça que a matéria era um atentado à sua honra, "a maior das infâmias [...] Aquillo tudo é mentira. Eu sou uma mulher honesta, que vive socegada em seu lar. Moro ainda com meu marido" (*O Jornal*, n. 3408, 27 dez. 1929). Conta que teria sido amparada por Thibau, mesmo após o desquite², mas entrado em choque. Mais uma vez aparecem, portanto, os dois principais elementos do argumento de Serafim: defesa da honra e o descontrole decorrente:

eu estava allucinada. Não comi. Estive num estado nervoso inacreditável. Sem comer, sem dormir, chorando, abraçada aos meus filhos. Resolvi, então, ir àquella redacção, para pedir, pelo amor de Deus, que não continuassem a fazer aquella infâmia. Agarrei o meu revólver para me garantir, pois eu ia sozinha a uma redacção onde existe uma multidão de homens. Juro que não

² Vale lembrar que, no Brasil, o divórcio só foi implantado como lei em 1977, após anos de disputa entre organizações da sociedade civil e a Igreja Católica. Na época, foi um dos últimos dez países vinculados à ONU a aprová-lo (Beltrão, 2017). A lei permitiu, ao contrário do desquite, novos casamentos, assim como encerrou a ilegitimidade sobre crianças geradas em uma nova união. A Igreja, assim como lideranças conservadoras e reacionárias, clamava que o divórcio representava "a destruição da família brasileira" (Beltrão, 2017). Mesmo na década de 1990, lideranças da extrema direita, como Sérgio de Avellar Coutinho (2002, p. 117), atribuíam ao divórcio responsabilidade sobre o que enxergavam como degeneração da família e da nação, como exemplo de contaminação do "senso comum" por "ideais esquizofrênicos". Na prática, portanto, Rohny, filho da segunda união de Sylvia, era considerado ilegítimo, mesmo com o reconhecimento dos pais.

tive intenção de fazer uso do revólver [...] [Roberto] disse-me os maiores insultos, com palavras obscenas, não importava ter ou deixar de ter palavra de honra. Offendida, insultada, comecei a chorar. Abrindo a bolsa para tirar o lenço, o meu agressor viu o revólver e agarrou-me. Nessa ocasião elle avançou para mim e segurou-me então e fez um disparo, aliás com a mão tremendo, sem procurar matá-lo. Fui então agarrada, desarmada por várias pessoas e conduzida para aqui onde o senhor me vê, preocupada com os meus dois filhinhos dos quaes não tenho notícias até agora (O Jornal, n. 3408, 27 dez. 1929).

No entanto, a narrativa fornece um aspecto novo, que não apareceu nos demais depoimentos de Serafim: a agressão física de Roberto. Ela sempre insistiu que o desenhista a ofendera, mas é na cobertura de *O Jornal* que é mencionado, pela primeira vez, um suposto ataque físico. Também vale notar o quanto Serafim insiste não ter tido intenção assassina e menciona seus filhos, seja por preocupação sincera, seja para despertar simpatia da opinião pública. Cria, para si própria, uma personagem: mãe profundamente preocupada com sua prole, assassina não intencional, que defendeu a sua honra ultrajada. Independentemente de ser uma personagem com respaldo real ou não, interessa-nos mais aqui analisar as diferentes construções narrativas em torno dela e deixar que o leitor interprete, mesmo diante da impossibilidade da reconstrução completa dessa figura.

Há, ainda, um terceiro cenário possível, embora o mais frágil. No primeiro, como visto, foi cristalizado na narrativa dos Rodrigues que Serafim já havia ido à redação com intenções assassinas. No segundo, a jornalista se descontrolou quando ofendida e acabou por assassinar sem intenção. Não há qualquer dado disponível à época que sugira a possibilidade desse terceiro cenário, sendo ele apenas sugerido posteriormente por pesquisadores e familiares. É uma possibilidade, ainda que a mais frágil, dada a ausência de dados. No entanto, para Ricardo Thibau (2023), neto de Sylvia, Roberto poderia ter tentado abusar sexualmente dela. Sugere que, por uma série de motivos que vão desde a fama que a autora recebeu, o assédio em trocar uma possível retratação por favores sexuais e o próprio caráter de Roberto, que não escondia suas diversas amantes, há uma chance de o evento ter transcorrido dessa forma. Serafim poderia nunca ter declarado essa versão para não sofrer uma espécie de efeito perverso e talvez ser atacada como responsável por tentar seduzi-lo. Embora não seja tão enfática, Marialva Barbosa (2023) também não descarta esse cenário.

No limite, a multiplicidade de versões, silêncios e disputas narrativas em torno do assassinato de Roberto Rodrigues não se limita ao momento histórico do crime, mas reverbera ao longo das gerações, afetando descendentes e representações culturais posteriores. É nesse ponto que o conceito de pós-memória se torna uma ferramenta analítica útil para compreender como o trauma ultrapassa a experiência direta e se reinscreve no tempo.

3 Pós-memória

No plano da memória coletiva, como observa Marialva Barbosa em *História cultural da imprensa*, o assassinato de Roberto Rodrigues marca uma efeméride para o fim da era de ouro do jornalismo carioca, ou ao menos para a era de ouro do jornalismo sensacionalista. Nas vésperas da Revolução de 30, *Crítica*, um dos maiores representantes desse segmento, veria consecutivas derrotas até o seu fim derradeiro, com o empastelamento durante a Revolução. A

relevância do caso permanece ao ainda estar presente na memória popular em 2022, quando tantos outros semelhantes da época acabaram relegados ao esquecimento. Como disse em entrevista:

Por isso esse acontecimento é o símbolo, o momento de inflexão desse jornalismo, que mostra a atualização dessas sensações e a construção quase onírica desse acontecimento entre o real e o fantasioso. É quase uma telenovela. Toda a história que o jornal vai contando, e contando em capítulos. Não é que não tivesse havido outros casos assim, certamente houve, é uma estética narrativa. Mas pelos personagens envolvidos, este ganha uma dimensão pública e memorável, maior, tanto que chega até o século XXI. Eu lembro de um, por exemplo, de um velho maltrapilho, que até analiso na minha tese de doutorado, que foi assassinado enquanto dormia em seu casebre em Inhaúma, e tem a mesma estética. Mas ali é um velho desconhecido, pobre, e que se apagou na História. Ficou restrito àquele momento, todo mundo leu com atenção a história daquela vítima, se identificou com ela, mas não teve essa reverberação como memória futura. Acho isso um aspecto muito interessante (Barbosa, 2023, p. 382).

Nesse sentido, o campo da memória/pós-memória desempenha papel fundamental na compreensão dos afetos que perpassam os envolvidos direta e indiretamente pelo atentado, inclusive os familiares e descendentes das duas famílias. Marianne Hirsch, no livro *The Generation of Postmemory*, e Stephen Frosh, em *Hauntings: Psychoanalysis and Ghostly Transmissions*, pensam as formas pelas quais memórias traumáticas vão sendo disseminadas através das gerações. Cada um a seu modo, esses autores pensaram a relação entre História e memória, bem como elementos essenciais da forma como o trauma é transmitido para gerações posteriores. Utilizando como exemplo gerações posteriores ao Holocausto, ambos pensam as formas pelas quais o trauma aparece mesmo entre aqueles que não o vivenciaram. Ainda que com o deslocamento temático, é possível utilizar os conceitos de pós-memória e memória para pensar os afetos envolvidos no caso em questão. Como traz profeticamente Cristiane Lisbôa (2008, p. 66), no livro *Sylvia não sabe dançar*: “Meus filhos terão essa história bordada na carne. Da testa”.

Marianne Hirsch (2012, p. 05) chama de pós-memória a memória herdada, isto é, traumas e sentimentos que não envolveram um indivíduo diretamente. A pós-memória é uma reconstrução do que não há, uma lembrança de uma experiência que não é a nossa. As reticências de uma memória incompleta e fragmentada, a herança das cascas. A pós-memória:

Descreve a relação que a ‘geração seguinte’ possui com o trauma pessoal, coletivo e cultural daqueles que vieram antes – recordam ‘lembranças’ apenas através de histórias, imagens e comportamentos entre aqueles com quem cresceram. É diferente da memória porque é fundamentalmente um processo ‘imaginativo’, um ato de identificação e resposta criativa. (Hirsch, 2012, p. 5)³.

Há ampla discussão no campo psicanalítico (no qual não entraremos em profundidade

³Tradução livre para: “Describes the relationship that the ‘generation after’ bears to the personal, collective and cultural trauma of those who came before - to experiences they ‘remember’ only by means of the stories, images and behaviors among which they grew up. It is different from memory because it is first and foremost an ‘imaginative’ process, an act of identification and creative response.”

aqui por fugir da expertise proposta, mas que vale ao menos um curto debate) sobre a existência de “assombrações”. Não assombrações literais, claro, mas memórias que não se completam, lutos que não se finalizam e são transpostos para gerações posteriores lidarem. Também chamado de “pós-memória”, por Marianne Hirsch (2012, p. 05), isto é, a memória herdada, traumas e sentimentos que não envolveram um indivíduo diretamente.

Se a História, como sugere Pierre Vidal-Naquet (1988, p. 63), é um gigantesco tribunal retroativo em que personagens são continuamente julgados, então essa pequena reconstrução pode atuar como uma testemunha. Não que seja possível reconstruir completamente, ainda mais com o pouco que se tem sobre Sylvia. Mas esse diálogo com o vácuo permite compreender um pouco quem ela foi. A pós-memória não aparece apenas a partir de grandes traumas coletivos, mas também de histórias que envolvem grupos menores, como o caso de Sylvia Serafim.

A memória é tanto um fenômeno privado quanto coletivo, como afirmou Maurice Halbwachs (1990), e está profundamente imbricada na construção da identidade grupal. No caso de Sylvia, por décadas sua herança foi suprimida, distorcida ou reduzida ao estigma de criminosa, o que reforça a necessidade de um esforço consciente para recuperar outras dimensões. Não se trata apenas de reconstituir fatos, mas de iluminar as zonas de sombra que permanecem entre documentos e silêncios.

Os afetos que se sobrepõem no caso do assassinato de Roberto permanecem vivos mesmo cem anos depois, tanto entre os descendentes do assassinado como entre os descendentes da assassina. As duas famílias foram entrelaçadas historicamente em aspectos emocionais que vão passando de geração em geração. No caso de Nelson, a perda de seu irmão é referida em diversas oportunidades ao longo de sua produção, principalmente nas crônicas de *O reacionário*, como o trauma que catapultou a sua literatura.

No universo possível de análise sobre o caso, suas consequências, permanências e diálogos – das disputas políticas, ideológicas e empresariais que se criaram em torno dele até a obra esquecida de Serafim –, podemos pensar em um eixo mais particularizado, um núcleo passional. Isto é, o impacto dessa memória no processo de apagamento da mulher intelectual e como eles aparecem ainda hoje, como o assassinato foi, ele próprio, apropriado por esses afetos⁴. Em outras palavras, a relação entre o individual e o coletivo, entre gerações, entre o psicológico e o sensível, entre o jornalismo de sensações e a ficção. Um ponto que encontra sua síntese em uma pergunta: qual foi o verdadeiro crime de Sylvia Serafim? O assassinato, a vingança, o desquite, o feminismo ou tudo isso? Como entender a autoria feminina de um crime passional em uma época que justificava o assassinato de mulheres por homens que alegavam “defesa da honra”? Como repercutem uma na outra as duas autorias de Sylvia – do crime e da literatura –, ambas singularmente “passionais”?

São duas famílias, e cada uma lida com a história a seu modo. Como é natural, conforme as gerações vão se sucedendo, as famílias se distanciam progressivamente. Por mais que nunca tenham sido exatamente próximas, havia contatos, parentes de uma família nomeados em homenagem à outra, encontros em datas festivas etc. Ao contrário dos descendentes do primeiro casamento de Sylvia, os Thibau, os descendentes da segunda família preferiram nunca falar sobre esse passado – sou o primeiro a fazê-lo.

Os Thibau concederam depoimentos, por exemplo, para o *Linha Direta*. Isso sem falar no livro de memórias de um dos filhos de Sylvia, *Mauro Thibau: a trajetória de um ministro*, no qual relembra sua vida e sua carreira. Também relembra, ainda que apenas de passagem, sua

⁴ Isso inclui o próprio autor deste artigo, sem pretensão de objetividade absoluta, que é bisneto de Sylvia Serafim

relação com a mãe. Mauro, inclusive, em entrevista contida no livro, menciona que teria apenas um irmão e ignora seu meio-irmão nascido após o assassinato. Indo além, ignora tudo o que ela fez entre 1929 e 1936, obviamente sem quaisquer menções ao assassinato. Para o leitor, os relatos de Mauro implicam que cresceu em uma família burguesa tradicional e estável do subúrbio carioca, na mesma Tijuca tão retratada nos escritos de Nelson Rodrigues.

Claro que há uma tensão inevitável entre a forma como o trauma é digerido no plano individual, ou mesmo familiar, e a sua absorção pela esfera pública e pela memória coletiva. Por mais que a distância geracional promova certo afastamento, é inevitável que paixões sejam mobilizadas quando se trata de um familiar por quem se possui admiração e respeito.

Um dos netos de Sylvia revelou que encontrou por diversas vezes um dos filhos de Nelson, mas que nunca se identificou, “para evitar um constrangimento. Estive algumas vezes com ele em mesas, etc., [...] não saberia qual a reação dele. Se você está bem com a pessoa, para que vai tocar num assunto desses? Para ele também deve ser muito desagradável”⁵. Como revela outro dos netos: “Meu pai, o filho dela, não toca nesse assunto e não quer que ninguém toque. Meu pai só tocou no assunto uma vez, e porque estava num momento especial”⁶.

Eu mesmo tive contato com alguns membros da família Rodrigues, às vezes me identificando, às vezes não, dependendo do contexto. Por óbvio, quando me identifico, paira um constrangimento, então é algo a ser evitado. Mesmo porque, como disse o neto de Sylvia, é uma situação desagradável para todos os envolvidos, mesmo cem anos depois.

Nelson voltou diversas vezes ao acontecido, sempre com nítido (e compreensível) rancor. Em seus escritos, como em seu livro de memórias, Sylvia aparece como um demônio, responsável não apenas pela morte de Roberto, mas pela sequência de desgraças que abateu sua família nos anos seguintes. Das dificuldades financeiras que os Rodrigues enfrentaram até a morte de Joffre, em 1936, era como se a jornalista personificasse a morte, o anticristo responsável pelo apocalipse que se desenrolou. Mais do que isso: como se sua ação tivesse sido gratuita.

Sylvia era uma grande sombra, não somente pelo tabu que se criou em torno de sua persona, mas também pela ausência de materiais sobre ela. Abundam fotos de Armando nos álbuns de família, e não se encontra nenhuma de Sylvia. Até agora, o único material dela que encontrei nos arquivos familiares foi o álbum contendo diversos de seus artigos, bem conservado, aparentemente montado por ela própria. O álbum foi comprado na Papelaria *A Imperial*, que ficava na Rua Assembleia, 91, no Centro do Rio, e era especializada na fabricação de livros em branco para “escripturação mercantil” (Serafim, s.d., p. 01). Também contém alguns outros trabalhos posteriores — como a coluna de Wilson Martins sobre *O anjo pornográfico* —, coletados e adicionados por seus netos. Material valioso, bem conservado (apesar de pequenas manchas, páginas amareladas e marcas do tempo), mas sem fotos da escritora. Um álbum bastante grande, tanto em altura quanto em extensão. Contudo, mais da metade das páginas está em branco.

Figura 5 - Álbum com colagens provavelmente feitas pela própria Sylvia.

⁵ Informação fornecida durante conversa em dezembro de 2019.

⁶ Informação fornecida durante conversa em abril de 2022.



Fonte: arquivo pessoal.

Outro aspecto curioso do álbum é a presença de plantas dispostas de forma avulsa em sua primeira página. Nenhum familiar soube responder se os ramos teriam sido adicionados pela própria Sylvia ou por alguém que o tenha tido em mãos posteriormente. Tampouco conseguiram sugerir o que poderiam significar, caso tivessem sido adicionados pela jornalista. Trata-se de avencas secas. Não há qualquer indício do que poderiam significar ou por qual motivo ela as teria guardado. Teria sido uma recordação? Ela tinha intenção de deixar o aroma da planta no livro? Podemos, no máximo, pensar em hipóteses.

Figura 6 - Plantas no início do arquivo.



Fonte: foto do autor, arquivo pessoal.

O álbum de Sylvia Serafim merece um artigo inteiro em sua exploração. Ainda que limitado pelo espaço de um artigo curto, a intenção foi trazer uma aproximação sobre as reconstruções e permanências de um assassinato que em breve completará cem anos. Permanências de materiais, disputas, memórias e, principalmente, traumas.

Considerações finais

Por suas particularidades e complexidades, é impossível falar sobre Sylvia Serafim sem gastar algumas páginas descrevendo o cenário pré, durante e após o seu crime. Como apontado, mesmo com o limite de espaço de um artigo, as contradições em torno do caso e a fragilidade da versão canonizada, bem como os atores envolvidos, mantêm-no relevante ainda hoje, quase cem anos depois. Não somente para os descendentes dos envolvidos, inundados com pós-memória e feridas que nunca cicatrizaram, mas como marco na História da imprensa brasileira. Dois núcleos que não são arbitrários ou delimitados, mas que se contaminam.

A análise das fontes jornalísticas e memorialísticas evidenciou não apenas contradições relevantes na narrativa canonizada do caso, mas também o papel central desempenhado pela imprensa sensacionalista na fixação de uma versão hegemônica, condicionada por disputas políticas, empresariais e afetivas. Essa narrativa contribuiu para o apagamento sistemático da trajetória intelectual de Sylvia Serafim, congelada na memória pública como assassina, enquanto seus escritos e sua atuação como jornalista e escritora foram relegados à margem.

Conversas com descendentes de Sylvia, como seu neto Ricardo Thibau, forneceram insumos complementares e dados inéditos para a compreensão de como o trauma se reinventa, se atualiza. Na prática, sou exemplo vivo dessa pós-memória, pois Sylvia Serafim foi minha bisavó. Por exemplo, foi por meio de encontros com os netos de Serafim que descobrimos anedotas e casos, além de adquirir materiais como o seu álbum. De forma semelhante, a ausência e a impossibilidade de empreender esses diálogos também se mostram reveladoras, como, por exemplo, a recusa do filho de Serafim em falar sobre o assunto ou até mesmo em me receber — mesmo eu sendo seu neto. Por fim, entrevistas com alguns dos poucos outros pesquisadores que também trataram de Serafim e trabalharam o assassinato de Roberto, como Marialva Barbosa, complementaram os dados. Longe de esgotar o tópico, este artigo pretendeu ao menos lançar luz sobre as complexidades do assassinato de Roberto Rodrigues, bem como suas permanências e reminiscências, mesmo cem anos depois.

Figura 7 - Sylvia Serafim criança, com quatro anos.



Mme. Seraphim.

Fonte: arquivo pessoal do autor.

Referências

- Barbosa, M. Entrevista com Marialva Barbosa: Uma discussão sobre o jornalismo de sensações e a era de ouro do jornalismo carioca. Entrevistador: Sergio Schargel. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, n. 77, pp. 378-394. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/59774>>. Acesso em: 18 set. 2023. <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v77p374-395>.
- Barbosa, M. *História cultural da imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- Beltrão, T. Divórcio demorou a chegar no Brasil. *Senado*, 04 dez. 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/divorcio-demorou-a-chegar-no-brasil>>. Acesso em: 02 mai. 2023.
- Castro, R. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- Centro da Memória da Eletricidade. *Mauro Thibau: a trajetória de um ministro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Memória da Eletricidade, 2020.
- Coutinho, S.A. de A. *A revolução gramscista no Ocidente: a concepção revolucionária de Antonio Gramsci em os Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Estandarte Editora E.C. Ltda., 2002.
- CPDOC. *Mauro Thibau*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/thibau-mauro>>. Acesso em: 21 mai. 2022.
- Crítica*. Entra hoje em juízo nesta capital um rumoroso pedido de desquite!. N. 346, 29 dez. 1929. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=372382&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=2636>>. Acesso em: 14 out. 2022.
- Diário Carioca*. O crime da senhora Sylvia Seraphim Thibau. N. 439, 27 dez. 1929. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_01&pesq=%22Sylvia%20Seraphim%20Thibau%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=4970>. Acesso em: 21 ago. 2023.
- Frosh, S. *Hauntings: Psychoanalysis and ghostly transmissions*. Londres: PalgraveMacmillan, 2013.
- Guimarães, C. R. L. O Modernismo do Amor e da morte de Roberto Rodrigues. *Revista Gama, Estudos Artísticos*, 2016, n. 04, v.07, pp. 104-112.
- Halbwachs, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA., 1990.
- Hirsch, M. *The generation of postmemory: writing and visual culture after the Holocaust*. Nova York: Columbia University Press, 2012.
- LINHA Direta*. A primeira tragédia de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Rede Globo, 07 de junho, 2007. Programa de TV.
- Lisbôa, C. *Sylvia não sabe dançar: pulp fiction de costumes*. São Paulo: Mercúryo, 2008.

Moraes, E. R. *O corpo desvelado: contos eróticos brasileiros (1922-2022)*. Recife: Cepe, 2022.

O JORNAL. N. 3408, 27 dez. 1929. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&pesq=%22Sylvia%20Serafim%20Thibau%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=47053>. Acesso em: 23 ago. 2023.

Rodrigues, N. *O reacionário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

Santos, Y. Grande pioneira. *Revista Quatro Cinco Um*, Paraty, 2022.

Vidal-Naquet, P. *O revisionismo na história: os assassinos da memória*. Campinas: Papirus, 1988.

Recebido em: 12/12/2024

Aceito em: 23/04/2025